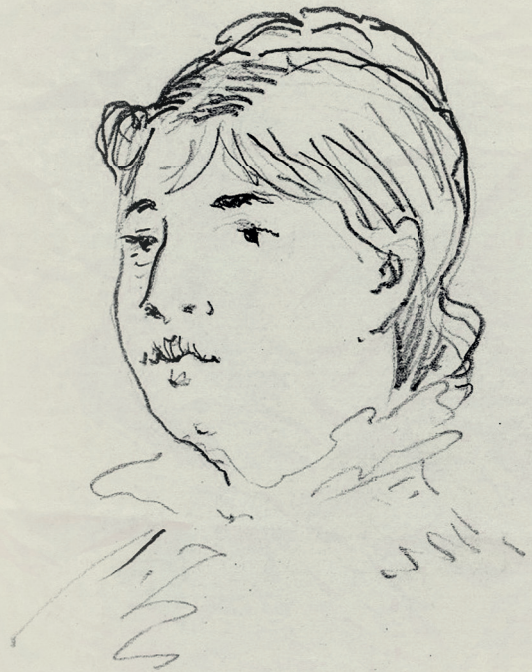


# Contos da resiliência



Livremente inspirado na obra de Edouard Manet.

O UniBrasil realiza, em comemoração ao mês e ao Dia Internacional da Mulher, o concurso de contos Dirce Doroti Merlin Clève, já na oitava edição. Este concurso homenageia a professora, escritora e benemérita soroptimista, Dirce Clève, e representa um desafio lançado no contexto de incentivo à produção literária feminina, voltado à valorização de jovens autoras.

A premiação, como já é tradicional, realiza-se no evento Mulheres Paranaenses, e a própria professora Dirce fez a entrega das premiações e menções honrosas.

As três primeiras colocadas, impossibilitadas de comparecer à cerimônia, enviaram vídeos representativos, que foram transmitidos no momento da premiação:

## O derradeiro



Maritsa Kantikas com o 1º lugar.

## Bordinha de pizza



Karina Porto Monteiro com o 2º lugar.

## Mirelo



Julia ferrari D. Páteo com o 3º lugar.

As participantes classificadas do quarto ao décimo lugar receberam menções honrosas, e a profissional da Laborclin, Irene Mangolini, fez a entrega de uma lembrança do UniBrasil à Dirce Clève, em agradecimento por sua presença.



A professora Wanda Camargo usou a palavra para as considerações finais e encerramento das homenagens, e desfez a mesa, para dar início à palestra proferida pela atriz, dramaturga e diretora de teatro Fátima Ortiz. Arte-educadora e criadora do espaço cultural Pé no Palco e do projeto Palco Escola, Fátima é reconhecida nacionalmente por seu teatro dirigido à infância e por suas iniciativas e realizações que englobam o teatro em suas dimensões criativas, educativas e política. Em 2022 está comemorando 50 anos de sua trajetória artística.

Ela é graduada em educação artística pela UFPR, tem especialização em educação fundamentada na arte e em parceria com Enéas Lour e Rosy Greca é autora da coleção “4 textos de teatro para crianças”, e do álbum “3 histórias de teatro para crianças”. Em 2012 lançou a obra de dramaturgia infanto-juvenil contendo 04 textos de teatro de sua autoria. Foi contemplada no edital Oraci Gemba com os textos: Memórias do palhaço amoroso e O caminho dos girassóis, publicados pela Fundação Cultural de Curitiba, e com certeza é uma das mais premiadas diretoras de teatro no âmbito estadual.

Fátima apresentou um panorama das artes paranaenses durante os últimos anos, com especial destaque para a atuação feminina nesta área.

Ao final da palestra, a coordenadora do curso de Educação Física do UniBrasil, Camile Silva, entregou uma lembrança à palestrante em nome da instituição agradecendo suas palavras e a gentileza de participar do evento.



# 8º Concurso de Contos

DIRCE DOROTI MERLIN CLÈVE

O concurso cultural, com a finalidade de estimular e valorizar a produção literária de jovens autoras, realizou sua oitava edição, recebendo dezenas de trabalhos de todas as regiões do país, em particular com expressiva participação de várias cidades do Rio Grande do Sul, constituindo a maioria dos contos concorrentes.

A banca designada analisou entre todos, e entre os pré-selecionados e considerados de alta qualidade com relação aos critérios de: criatividade; originalidade; concisão; precisão; densidade; unidade de efeito. Após análise das respectivas listas, definiram as vencedoras, apresentadas com a classificação:

## RESULTADO – OITAVO CONCURSO DE CONTOS DIRCE DOROTI MERLIN CLÈVE

Classificação	Conto	Autora	Pseudônimo
1	O derradeiro	Maritsa Kantikas	Veritas
2	Bordinha de pizza	Karina Porto Monteiro Mühlhofer	Yara Luna
3	Mirelo	Julia Ferrari Duarte do Páteo	Aurilene Mikhailovitcha
4	O verdadeiro cheiro do fogo	Natasha F.S Silva Zanetti	Silvina
5	A Festa	Camila Vagas Milanesi	Hunter
6	O fogo do tempo	Kristel Hemmer Casagrande	Makari
7	A vida a fiar	Luana Souza dos Santos	Lado escuro da Lua
7	O corvo-mor	Maria Carolina de Christo Lima	M. C. Chr
8	Cecilia	Isadora Brauveres Correa Colombo	Iolanda B. C.
8	Feito um corte de papel	Natasha F.S Silva Zanetti	Ednah
9	Bolo de cenoura	Natália Vitória Pinheiro	VINP
10	Manobra de engasgo	Caroline Vetori de Souza	Caroline Carlos

# colto vencedor

## O derradeiro

### Veritas

Pediu que lhe deixassem molhar a boca com um pouco de vinho; a velha já sabia que aquilo não haveria de matar o que a matava, mas quis aproveitar enquanto pôde. Negaram, é claro, mas ela insistiu — com a voz rouca, porém ainda firme:

“só um traguinho! O último! Tá na bíblia! No antigo testamento! Provérbios: ‘dê bebida fermentada aos que estão prestes a morrer, vinho aos que estão angustiados; para que bebam e se esqueçam da sua pobreza, e não mais se lembrem da sua infelicidade’”.

“a senhora anda lendo a bíblia escondida de mim, ou memorizou esse trecho desde moça? Safada!”. Todos riram — mas, ainda assim, lhe espiaram de canto de olho, para ver qual seria a sua reação: ela esboçou um sorriso, deu de ombros, e olhou pro nada: “o vinho me leva de volta pra dias melhores; só isso”.

Havia demandado, na segunda, que lhe preparassem um jantar decente, que não tivesse gosto de comida de hospital, mas sim “gosto de comida que sacia o corpo e a alma”. Os filhos tentaram contestar; no entanto, um deles, pressentindo o pior, conseguiu fazer com que os outros cedessem: “e se esse for o final?”.

Então, em plena terça-feira, após uma tarde intensa na cozinha, a família completa se reuniu na sala de jantar; filhos, netos, dois pequenos bisnetos e a vizinha, também viúva e amiga de muitos anos, solenemente observavam a senhora e a mesa posta.

As filhas prepararam frangos assados com recheio de farofa de miúdos, purê de batatas, e uma farta salada de rabanetes. Ninguém tinha realmente paladar praquele vegetal, então ela comeu tudo e lambeu os dedos temperados de vinagre e sal. A filha do meio tentou um tímido “mamãe, a sua pressão!...”, mas o tilintar de copos e talheres acabou abafando a reprimenda; “alguém pode me servir um pouco mais do tinto?”.

Para a sobremesa, havia pedido pudim de pão amanhecido — aquele que havia ensinado para os filhos quando eram pequenos; pras meninas dizia que o doce haveria de cativar até os corações mais amargos; pros meninos dizia que, assim, eles não haveriam de depender de ninguém para tornar a vida mais doce. Com o pudim já em seu potinho, e após incansáveis colheradas, se regozijou ao ver que eles lhe haviam superado.

Vigiavam-na a comer, silenciosa e preocupadamente, pois não sabiam como ou no que aquilo tudo poderia impactar o seu organismo já debilitado. Mal sabiam que ela havia juntado todas as energias que podia, pois compreendia que depois precisaria delas para fazer a digestão. Se sentiu estufada, mas aproveitou a sensação com prazer, pois havia tempos que não a experienciava.

Os mais novos ficaram felizes com a aparente melhora da matriarca; os mais velhos, incrédulos, acreditavam que aquela poderia ter sido a última ceia da família como até então a conheciam.

Findo o jantar, ajudaram-na a trocar a roupa de sair pelo pijama e a escovar os dentes — os que ainda tinha e as dentaduras —, e, depois, a colocaram na cama; puxaram o cobertor, acomodaram-na bem, e torceram pelo melhor.

Na manhã seguinte, a filha que havia voltado a morar com a mãe passou por seu quarto e encontrou a cama da velha vazia — mas bem feita. Desesperada, procurou no banheiro, na sala, no jardim, até que chamou seu nome alto, já temendo o pior. Ela então respondeu um “aqui, filha!”, baixo e macio. Ao entrar na cozinha, esbaforida e confusa, o cheiro familiar (e, ao mesmo tempo, inesperado) a atingiu sem aviso: a mãe passava um café, e havia pão fresco e ainda quente sobre a mesa.

“mãe... você que foi comprar esse pão?” Com uma risadinha divertida e rasgada ela confirmou que sim, deixando a filha desnorteada. “mas mãe... não... você não pode sair! Não é um bom momento pra sair de casa agora... você, na sua condição... não pode... tá perigoso lá fora, você sabe, e...”.

Mas ela só a ignorou; ligou a televisão, se sentou à mesa, perguntou se ela queria tomar café, e logo se distraiu, ao responder o apresentador do jornal que não a ouvia.

A mulher saiu da cozinha e ligou para todos os irmãos; “vocês precisam vir. Já”. Quem estava no trabalho e quem ainda nem tinha saído inventou desculpas, disse que se tratava de uma emergência de família, ou saiu sem nem se explicar; todos foram de novo pra casa da mãe, e, como as contrações que a mulher já conhecia bem após tantos filhos, chegaram quase juntos, com intervalos de poucos minutos.

Ninguém entendia nada.

A velha piscou para o neto mais novo, e a filha do meio acusou: “mãe, eu vi isso!”. “quer dizer que a senhora tava mentindo todo esse tempo?!” , questionou o filho mais velho, inquisidoramente. A senhora então jurou — de pés não tão juntos — que a causa da melhora era a comida saborosa e a companhia de toda a família e da amiga no jantar que haviam oferecido à ela.

“e o vinho que há anos não bebia, claro”, entrecortado por novas risadinhas.

Na noite anterior, já na calçada, alguém havia feito menção àquelas melhoras repentinas antes do adeus final; hoje parecia que a esperança ganhava fôlego novo: era quarta-feira, mas parecia domingo. E ainda que, de tempos em tempos, duvidassem do que estava acontecendo e das palavras da mãe, todos aproveitavam o momento; havia muito a senhorinha, acamada pela saúde frágil, não se levantava.

Mas agora ela estava ali, junto deles, em pé, de corpo e mente presentes, cozinhando e brincando com os netos e bisnetos!... Um ar ora onírico, ora nostálgico (ora ambos!) Temperava os ânimos com sabor especial e único.

No final do dia, em meio a despedidas, a matriarca fez questão de dar um abraço mais apertado em cada um; temiam até machucá-la, mas ela dizia “aproveita! Do amanhã eu não sei, mas hoje tá tudo certo. E isso basta”. Pros mais velhos distribuiu palavras de afeto, e pros mais novos palavras de encorajamento; disse a todos, abusando de redundâncias, que, mesmo quando algo parece ser “o mais derradeiro dos fins”, sempre há algum depois — “olha só pra mim!”. Todos acharam aquilo enigmático demais, mas ninguém ousou contestar.

Naquela noite, após desejar um bom descanso à filha, sozinha ela foi ao seu quarto (com alguma coisa mocada sob o casaco), tomou um banho, penteou os cabelos, colocou um pijama limpo e se deitou; adormeceu algum tempo depois, com uma taça vazia nas mãos.

No dia seguinte, a filha foi direto à cozinha, mas ela não estava lá. A chamou, mas ela não respondeu. Sem suspeitar de algo além de cansaço, dirigiu-se então ao quarto, e abriu a porta com cuidado, tentando não fazer barulho; o cômodo estava mais silencioso ainda.

Na mesa de cabeceira, uma garrafa de vinho tinto ia já pela metade; a taça agora estava sobre o cobertor, e uma pequena nódoa bordô manchava o sobrelençol. Um sorriso era perceptível nos lábios ainda tingidos de rubro, mas o corpinho já estava rígido.